

Ensaio de História e Educação



Jesuítas

Fani Goldfarb Figueira¹

I

A Educação Jesuítica no Brasil

Em trabalho mais ou menos recente, intitulado "Diálogos de um Novo Tempo"², procurei discutir as grandezas e misérias que envolveram o nascimento do que se convencionou chamar de História Moderna.

Colombo, que constitui uma das figuras mais importantes da época, diz, a certa altura, que o mundo aguarda por ele para arredondar-se. Não precisou, como sabemos, esperar muito. O século XV fecha suas páginas no momento mesmo em que, com Colombo, se descortina um novo mundo.

Não cabe, aqui, discutir para sabermos se Colombo, de fato, acreditava ter chegado a uma espécie de paraíso ou se a sua versão idealizada da terra descoberta objetiva, apenas, agradar os ouvidos reais e, assim, lograr o financiamento de mais uma viagem já que, paraíso ou não, prata e ouro não haviam, ainda, sido encontrados por quem buscava o Eldorado.

O que importa observar é que a notícia da descoberta de um novo Éden fazia-se plausível numa Europa dilacerada pelas dores com que se paria uma nova história.

As utopias - e a de Thomas Morus é a mais profunda - proliferam. Sonhava-se com um mundo em que as relações humanas não estivessem fundadas na propriedade privada, em que todos os homens, igualmente, trabalhassem pela subsistência comum, e onde a cobiça não constituísse a razão mesma de viver.

Duby, historiador francês, quando, em 1948, escrevia uma história que bem pouco tem a ver com a concepção que, depois, configurou-se na Nova História e da qual ele é um dos baluartes, abordou esta questão.

¹ Doutora em Sociologia pela USP. Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² FIGUEIRA, Fani Goldfarb - *Diálogos de Um Novo Tempo*. Tese de Doutorado Aprovada pelo Departamento de Sociologia da USP, em 1988.

Em sua *História da Civilização Francesa*³, ele mostra como os primeiros comerciantes europeus, os italianos antes dos demais, ao enriquecerem-se com o comércio, procuram adquirir, para seus filhos, títulos de nobreza que eles próprios não possuem.

Transformados em nobres, estes jovens, cuja educação fora burguesa, passam a participar das cruzadas que, então, dominavam a Europa. Será difícil entender por que entre ideais tão opostos quanto os defendidos pela nobreza, - com todo o seu ritual de concessão de mercês, etc.⁴, - e os valores burgueses de poupança, trabalho, denodo, etc.⁵, estes jovens tenham, de certo modo, enlouquecido?

Não exageramos ao falarmos de loucura. Erasmo - e precisamente no **Elogio da Loucura** - chama a atenção para a contradição permanente que existe entre os princípios absolutos da moral católica e a vida prática. Ele observa que caem na loucura os que pretendem nortear-se por eles. Ivan Lins (1967) num estudo sobre *Erasmo*⁶, acrescenta:

Êsse caráter absoluto da moral monotéica, que, aplicada a rigor, conduz à loucura, foi, aliás, reconhecido pelos mais eminentes representantes do catolicismo, e, entre outros, por Vieira: "Se os poetas - diz êle - têm todos uma veia de doido, não podia faltar a êste doido [São Francisco de Assis] uma veia de poeta". Definindo-se São Francisco a si mesmo chamava-se, em italiano, *Fatuello di Dio*: o doido ou doidinho de Deus e Santo Inácio proclamou: "Hás-te fazer doido, se queres ser santo."⁷

³ DUBY, Georges e MANDROU, Robert - *Histoire de la Civilisation Française*. 1958, Armand Colin, 4ª ed, Paris.

⁴ Ob. Cit. p. 18 - "Elas [as mercadorias] são muito menos frequentemente objeto de transações comerciais do que de presentes. Oferecer presentes era, então, um gesto essencial. Nobre é aquele que dá a seus amigos, e é sobretudo distribuindo entre os muito grandes senhores, com esta liberalidade pródiga que constitui o essencial do seu prestígio,"" (...) (Trad. FGF).

⁵ MONTCHRESTIEN, Antoine - *Tratado de Economia Política*. (1616), diz: "A felicidade dos homens, para falarmos a nosso modo, consiste principalmente na riqueza e a riqueza, no trabalho." E explica: "Enganam-se aqueles que medem a felicidade de um Estado unicamente pela virtude simplesmente considerada e pensam que a vida, assim, atormentada pelo apetite do ganho, lhe é inteiramente contrária." In: *História do Pensamento Econômico*. 2ª ed., maio de 1974. Trad. de António Borges Coelho. Livros Horizonte, LDA, Lisboa, p. 104 e 105.

⁶ LINS, Ivan - *Erasmo, a Renascença e o Humanismo*. Civilização Brasileira. R.J., 1967. Col. Perspectivas do Homem. P. 178.

⁷ VIEIRA, Padre Antônio - *Sermões*. In: LINS, Op. cit., p. 178/9.

Criados de acordo com princípios burgueses estes jovens deveriam, a certa altura, seguir padrões sociais que lhes eram antagônicos⁸.

Conquanto, evidentemente, esta não seja a única razão da idealização que, a partir do século XV, se começou a fazer do passado, a crise histórica constituindo sua razão essencial, o fato é que deste conflito originaram-se figuras ainda hoje muito conhecidas. São Francisco de Assis é o exemplo mais radical. Mas há também Santa Clara, São Bernardo, etc.

O mundo em que se vivia tornara-se tão hostil que não chega a surpreender que ele tenha sido enfrentado idealizando-se o passado.

Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, tem uma história pessoal semelhante a de tantos outros jovens. Soldado, sofreu um ferimento na perna. Várias e sucessivas cirurgias exigiam uma convalescença prolongada. Conta-se que por não haver em casa livros de cavalaria deram-lhe, para ler, a **Vida de Cristo**, e um **Florilégio** de Santos. Exageraríamos se víssemos nesta figura o reverso da de D. Quixote?

A leitura fez dele um soldado de Deus: iria combater contra a Reforma que ameaçava levar o mundo para o inferno. Para melhor fazê-lo, funda, em maio de 1539, a Companhia de Jesus que jura "Obediência, Pobreza e Castidade."

A bandeira que seguem estes jovens bastaria, talvez, para demonstrar que suas histórias não constituem fatos isolados ou puramente pessoais. A insistência com que defendem votos de pobreza atesta que estão se contrapondo a um mundo que tem na produção da riqueza sua força maior.

Parte significativa da sociedade europeia repudia as transformações que vêm ocorrendo em suas vidas. O mundo vai, pouco a pouco, substituindo Deus pelos Homens, a Honra pelo Dinheiro, a Religião pelo Trabalho, a Fé pela Experiência, a Coragem pela Pólvora, o Verbo pela Imprensa, o Papa pelo Livre-Arbítrio. O comércio arredonda o mundo e torna móvel a Terra. Até a Bíblia é traduzida. O dinheiro redime até os pecados. Até o Oceano é navegável.

Todas estas questões podem, hoje, nos parecer corriqueiras, mas se não as pudermos entender na sua dimensão histórica, talvez seja melhor renunciarmos a entender a educação dos Jesuítas no Brasil.

⁸ Em meados do século XIV, Paulo Vergério, o famoso professor da Universidade de Pádua, explica este antagonismo: "Para um temperamento vulgar, o lucro e o prazer são os objetivos da vida; para uma natureza elevada, a dignidade moral e a glória são tudo." In: PILLETI (p. 64)

Muito embora possa, hoje, nos parecer estranho que tenha havido uma época em que os jovens se preocupavam com o destino da humanidade e pretendessem mudar este destino, o fato é que o relato de Colombo e tantos outros navegantes que ampliaram o universo calou fundo na sociedade europeia.

É plausível que jovens, descontentes com o mundo que os cercava, impotentes para transformá-lo, acreditassem ser possível recriar, no Novo Continente, um Novo Éden.

Dada a possibilidade histórica da fantasia, por que cerceá-la com o estabelecimento de limites? Os índios - imaginava-se - eram bons, eram puros, sem propriedade, sem cobiça, vivendo nus como Deus os criou. Não conheciam o dinheiro - que, segundo alguns, era o responsável pelos malefícios que dominavam a Europa, - podiam, pois, facilmente, serem confundidos com os habitantes (idealizados) do Paraíso perdido.

Bastava, então, para cristianizá-los, trazer-lhes a palavra de Deus.

II

A história dos Jesuítas, no Brasil, pode ser acompanhada desde os seus primeiros passos.

Em 1538, preocupado com o que chama de "ameaça" francesa, o Dr. Diogo de Gouveia, de Paris, escreve a D. João III, rei de Portugal, propondo-lhe a colonização efetiva do Brasil. Nesta mesma carta ele sugere ao Rei que convide os padres da recém criada Companhia de Jesus para cuidarem da conversão dos gentios. Diogo de Gouveia refere-se, na verdade, às Índias, mas a resposta do rei acatando a sugestão, estende o convite, também, ao Brasil.

Assim, na carta que D. João III envia a seu embaixador, em Roma, para que convidasse os padres, o rei esclarece que lhes oferece espaço para catequização:

*"Na impresa da Índia e em todas as outras conquistas que eu tenho."
Porque, - diz o Rei - se os Padres estão dispostos a "acrescentar e aproveitar a fé, nam pode haver parte onde lhes estê mais aparelhado poderem-no fazer, e cumprir seus desejos, que em minhas conquistas."*

As duas cartas que se seguem, conquanto longas, merecem, no entanto, ser transcritas tendo em vista o fato de que permitem melhor traçar o quadro em que se inserem os jesuítas.

Carta I

Do Padre Pedro Fabro (Principal da Cia) e Companheiros

Ao Dr. Diogo de Gouveia, Paris.

TRADUÇÃO PORTUGUESA⁹ (Originalmente escrita em latim).

Jesus

1. A graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos.

Há poucos dias chegou aqui o vosso portador com a vossa carta para nós. Por ele soubemos notícias de vós, e pela carta vimos a ótima lembrança que de nós conservais, e ao mesmo tempo quanto desejais a salvação das almas dos vossos Indianos, que já loirejam para a messe. Oxalá possamos fazer-vos a vontade, e também fazê-la às nossas almas que ardentemente desejam o mesmo que vós: uma coisa, porém, obsta agora a que possamos corresponder aos desejos de muitos e não menos aos vossos. Entendereis do que se trata pelo que vou agora dizer: Todos nós, os que estamos mutuamente ligados nesta Companhia nos pusemos à disposição do Sumo Pontífice, como a senhor de toda a messe de Cristo; e com essa entrega mostrámo-lhe que estamos preparados para tudo quanto ele decidir de nós em Cristo; se, portanto, ele nos mandar para onde nos chamais, iremos com gosto; e a causa por que assim nos sujeitamos ao seu parecer e vontade, foi sabermos que ele possui maior conhecimento do que convém a toda a Cristandade.

Não faltou há tempos quem procurasse conseguir que ele nos mandasse para os índios, que os espanhóis vão sujeitando ao Imperador; para o conseguir, falaram primeiro a um Bispo espanhol e ao Embaixador imperial; mas estes notaram que a vontade do Sumo Pontífice não era que saíssemos daqui, porque também em Roma a messe é grande. Não são as distâncias que nos metem medo nem o trabalho de aprender línguas: rogai-lhe, portanto, por nós, para que nos faça seus ministros na palavra da vida; pois, ainda que não sejamos suficientes de nós como de nós, esperamos todavia na sua abundância e riquezas. (Roma, 23/11/1538).

⁹ LEITE, Serafim - *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. Edição Comemorativa do IV Centenário da Cidade de São Paulo. S.P., 1954, p.100.

Carta II

De D. João III Rei de Portugal

A D. Pedro Mascarenhas, Roma.

[Lisboa, 4 de agosto de 1539]¹⁰.

Dom Pedro Mascarenhas amigo.

Eu El-Rei, etc.

1. Porque o principal intento, como sabeys, asy meu como d' El-Rey meu senhor e padre, [D. Manuel I] que santa gloria aja, na impresa da Índia e em todas as outras conquistas que eu tenho, e se sempre manteveram com tantos perigos e trabalhos e despesas, foy sempre o acrecentamento de nossa santa fé catholica, e por este se sofre tudo de tam boa vontade, eu sempre trabalhey por haver letrados e homens de bem em todas as partes que senhoreo, que principalmente fação este officio, asy de pregação como de todo outro ensino necessario aos que novamente se convertem à fee. E graças a Nosso Senhor, ategora hé nisto tanto aproveitado, e vay o bem em tanto crescimento, que, asy como me hé muy craro sinal que a obra hé aceita a Nosso Senhor, sem cuja graça espicial seria impossivel fazer-se tamanho fruto, asy me parece que me obriga a nam somente a continuar com todo cuydado, mas ainda asy como crece a obra, asy acrecentar no numero dos obreiros.

2. E porque agora eu fuy informado per carta de Mestre Diogo de Gouvea, que de Paris erão partidos certos clerigos letrados e homens de boa vida, os quays por serviço de Deus tinhão prometido proveza, e somente viverem polas esmolas dos fieys christãos a que andam pregando por onde quer que vão e fazem muito fruyto; e segundo agora tambem vy por huuma carta delles que escreveram ao mesmo Mestre Diogo a Paris e ma mandou, e o trelado vos vay com esta, elles aos XXIII de Novembro eram nessa corte, segundo a carta diz, detydos então polo Papa pera lhes ordenar o que havia por seu serviço que elles fizessem; e sua tenção, segundo se vee por esta carta hé converter infieys; e dizem que, aprazendo ao Santo Padre, a quem se são offerecidos, e sem cujo mandado nam ham-de fazer nada, que elles yram à India.

3. E porque me parece, sendo elles destas calidades e desta tenção, que lá fariam mui grande serviço a Nosso Senhor, e aproveitariam muito nas cousas da fee, asy pera

¹⁰ Idem, ibidem, p. 102.

ensino e confirmação dos que a já tem recebida, como pera trazer outros a ella: vos encomendo muito que, tanto que esta carta receberdes, trabalheis por saber que homens estes são, e onde estão e de sua vida e costumes e letras e preposito; e sendo estes, lhes faleis se ahy estiverem; e sendo absentes, lhes escrevays e façais que elles queirão vir a mym, porque certo, se seu preposito hé esse de acrecentar e aproveitar a fé, e servir a Deus pregando, e com exemplo de suas vidas, nam pode haver parte onde lhes estê mais aparelhado poderem-no fazer e comprir seus desejos, que em minhas conquistas, onde seram sempre tratados de maneira, que lhe seja ainda dobrada ajuda e azo pera melhor servir a Deus.

E sendo necessario licença do Santo Padre, ou ainda mandado pera yssó, vós lhe supricai de minha parte que lha queyra dar e mandar-lho, dando esta infomção que ante elle e suas grandes virtudes e santissimo zelo deve de valer muito pera conceder essa graça de mui boa vontade.

E assentado vós com elles que queiram vir ou por terra ou por mar, como melhor vos parecer e se elles mais contentarem, lhe dareis todo aviamento e toda maneira de seu gasto pera o caminho em toda abastança.

E haverei por meu serviço vir huma pessoa vossa com elles pera os guiar e acompanhar, porque venham o mays cedo que seja possivel. Tomai disto espical cuidado que o receberei de vós em serviço.

O que primeiramente atrai nossa atenção nestas cartas é o sentido de disciplina que delas emerge e que não é outro senão o sentido de disciplina que rege a Companhia de Jesus. Não é, por conseguinte, formal a primeira palavra da sentença que encabeça a insígnia dos Jesuítas: "Obediência."

Em tempos como os atuais, em que é "proibido proibir", causa estranheza uma tão cega obediência às determinações do Papa. Estranheza tanto maior quanto, historicamente falando, meados do século XVI constituem tempos em que se invoca precisamente o livre-arbítrio¹¹.

¹¹ Groethuysen explica: É precisamente nesta oposição entre a vida cristã e a vida burguesa, entre o velho homem e o homem novo, que devemos buscar a causa da incredulidade do burguês. Como ele acreditaria ainda nos mistérios, nas lendas e nos milagres, quando todo o seu esforço deve ser no sentido de eliminar da sua vida tudo o que há de irracional? Como admitiria ele ainda a Divina Providência e se convenceria que a vontade de Deus regula tudo, quando é a confiança em suas próprias forças e a previsão racional que informa toda a sua atividade?" In: GROETHUYSEN, Bernard -

"Cada um para si [...] também no que se refere a Deus. O comerciante enriquecido [...] já não entende os sacerdotes, os religiosos que se interpõem entre o homem e a divindade."¹²

Na verdade, só a Reforma, sua expressão mais radical, é que pode dar pleno sentido à obediência, porque ambas as expressões constituem pólos nodais de uma luta renhida de cujo resultado dependeria o rumo da história humana¹³.

Nossa estranheza advém, precisamente, de não entendermos que tais insígnias, assim como as Ordens que as defendem, gestam-se na luta. Não é por razões arbitrárias que se opta por um ou outro estandarte, do mesmo modo que não é por razões arbitrárias que os estandartes trazem um ou outro lema. Vai-se à morte na sua defesa:

*"Seria impossível dizer-vos, escreve um contemporâneo, quantas crueldades de bárbaros são perpetradas de lado a lado. Onde domina, o huguenote destrói todas as imagens, derruba sepulcros e túmulos, mesmo de reis, rouba todos os seus objetos sagrados e pertencentes às Igrejas. Em paga, o católico mata, tortura, afoga todos os que encontra daquela seita; e os rios andam cheios deles."*¹⁴

Nós, contudo, hoje, temos imensa dificuldade em crer que tais homens cometiam tais violências por motivos religiosos. Nossa época histórica é por demais "econômica", move-se tão exclusivamente por leis da economia, que nos custa crer que são religiosas as razões que levam Filipe II, Rei da Espanha, ferrenho católico, a declarar:

*"Prefiro sacrificar 100.000 vidas humanas a pôr termo à perseguição de hereges."*¹⁵

Do mesmo modo, custa-nos crer que o objetivo da vinda dos Jesuítas ao Brasil é, tal como eles o declaram, "converter os infiéis", e que não têm outro propósito senão "acrecentar e aproveitar a fé."

Origines de L'Esprit Bourgeois en France. I- L'eglise et la Bourgeoisie. Gallimard, Paris, 1927. Trad. Milena Goldfarb Figueira.

¹² In: Febvre, Lucien. - História. (org. Carlos Guilherme Mota). Ed. Ática, S.P., 1978, p. 88.

¹³ É preciso, ainda, atentar para o fato de que estas armas - o dogma e a experiência - são produzidas na própria luta. Ou seja, é no embate contra a nova força expressa na experiência que o dogma se torna tal. Anteriormente a esta luta, o conhecimento sob o qual se sustentava o mundo feudal - a fé - não era dogma e - ainda mais - não era arma." FIGUEIRA, Fani Goldfarb - "Reflexões sobre a História." In: INTERMÉIO. Revista do Mestrado de Educação da UFMS. 1º Semestre de 1995, p. 41.

¹⁴ Pasquier - *Recherches de la France* - T. II, p. 99. In :LÉRY, Jean de - *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; S. P.: EDUSP, 1980. P. 22

¹⁵ HAGEN, Rose - Marie e Rainer - *Pieter Bruegel, O Velho*. Taschen, Alemanha, 1995, p. 7.

Estar desperto para esta questão é tanto mais importante quanto nós veremos, no decorrer do trabalho, em que medida o princípio da Obediência configura a essência mesmo da catequese jesuíta no Brasil. Esta fé cega que, como vimos, leva os jesuítas a declarar que irão para onde forem mandados, permite-nos perceber que sua vinda para o Brasil faz-se obedecendo a uma determinada organização que ultrapassa, em muito, qualquer outra ordem de interesses.

Assim, os jesuítas que vêm dar início ao processo de catequização dos índios, no Brasil, assemelham-se mais a um grupamento militar do que a uma ordem religiosa.¹⁶ Vêm cumprir ordens e, sobretudo, vêm organizadamente.

Constituir parte de um corpo organizado, cujas ações são planejadas e cujos resultados são permanentemente avaliados, constitui uma das características mais essenciais da ação jesuítica no Brasil. Conquanto, aqui chegados, os padres sejam compelidos a dispersar-se em virtude das condições encontradas, nem por isso esta dispersão implica numa renúncia à ação coletiva. Espalham-se, mas o fazem como extensões de um mesmo e único corpo, um mesmo e único objetivo.

É importante insistir nesta questão porque ela encerra, podemos dizê-lo, o próprio caráter da ação da Companhia de Jesus no Brasil nestes primeiros anos da colonização.

É preciso, do mesmo modo, insistir, na caracterização da Ordem dos Jesuítas. Nem todas as ordens religiosas adotam o princípio da catequese, mas os jesuítas têm na ação sua característica mais essencial. Eles constituem uma Ordem religiosa que se propõe a combater as heresias mediante a educação. Esta não é, como dissemos, uma questão inerente aos princípios religiosos. Ao contrário, muitas outras ordens fecham-se nos seus mosteiros e, neles, rezam pela salvação da humanidade. Os Jesuítas, no entanto, propõem-se a salvar, pela educação, sobretudo os jovens. A catequese é, por conseguinte, a forma de existência da Ordem dos Jesuítas e toda a formação dos padres da Ordem obedece a este pressuposto.

¹⁶ A respeito desta associação da Ordem dos Jesuítas com uma organização militar, diz DURKHEIM: "Inácio de Loyola teve a ideia de levantar uma milícia religiosa de um gênero totalmente novo. (...) Loyola entendeu que haviam passado os tempos em que era possível governar as almas desde um claustro. Agora que os homens, levados pelo seu próprio movimento, tendiam a escapar da Igreja, era preciso que a Igreja se aproximasse deles para poder agir sobre eles. (...) era preciso constituir um exército de tropas leves que, perpetuamente em contato com o inimigo, fossem, ao mesmo tempo, bastante alertas, bastante móveis para poder chegar ao menor sinal onde houvesse perigo, bem como bastante ágeis para saber variar sua tática conforme a diversidade dos homens e das circunstâncias. (...) A Companhia de Hesus foi esse exército." (p. 217/8) *A Evolução Pedagógica*.

Isoladamente, muitos outros padres estiveram no Brasil. Valle Cabral, no *Prefácio às Cartas do Brasil*, arrola:

"dos primeiros Padres que vieram missionar no Brasil antes dos Jesuítas, "dous Frades Castelhanos" que converteram Carijós além de S. Vicente, (...) "alguns Padres Hespanhoes" em Porto Seguro, (...) "certos Padres que mandou D. Manuel", "dous Padres de Santo Antonio", Italianos, em Porto Seguro, ".¹⁷

Em carta ao Superior, datada de 1549, Nóbrega dá detalhes sobre os demais clérigos que aqui encontra. Assim, ao pedir ao Mestre para que envie mais jesuítas diz:

(...) " E certo hé muyto necessario aver homens qui quaerant Iesum Christum solum crucifixum. Cá há clerigos, mas hé a escoria que de lá vem: omnes quaerunt quae sua sunt. Non se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muyto aprovada, porque estes distruem quanto se edifica;" ¹⁸

Em outra carta ele é ainda mais explícito:

"Os clerigos desta terra têm mais officio de demonios que de clerigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, [índias] pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações, de maneira que nenhum Demonio, temo agora que nos persiga, sinão estes." ¹⁹

Afirmar, como vínhamos fazendo, que os jesuítas agiam como corpo não nos deve induzir a crer que entre eles não houvessem divergências. Há e, a acreditarmos nas entrelinhas das cartas, estas são muitas. No entanto, as lutas dão-se no interior do próprio corpo. Mesmo Nóbrega, o responsável pelos primeiros jesuítas que para cá vieram, tem sua correspondência submetida à censura. Assim, no *Prefácio às suas Cartas*, lemos:

"Alguns períodos das cartas de Nóbrega não são bem claros: às vezes a questão de pontuação faz também mudar muito o sentido da phrase. Em algumas além disto notam-se evidentes cortes de períodos, que ou desfiguram o sentido ou tornam obscuros os que se lhes seguem. Disse-nos o Sñr. Lino d' Assumpção, de presente entre nós, que

¹⁷ *Cartas do Brasil. Manoel da Nóbrega*. B.H.: Itatiaia; S.P.: EDUSP, 1988. "Prefácio." p. 13.

¹⁸ LEITE, Serafim. Ob. cit. Vol.I, p. 116. Em carta anterior (p. 114), o mesmo Nóbrega dizia: "Dos sacerdotes ouço cousas feas."

¹⁹ N_BREGA, Manoel da - *Cartas do Brasil*. Ob. Cit. p.116. A carta citada é de 1551.

encontrou indicações que em Portugal as cartas dos Jesuítas eram lidas nas horas do refeitório e suprimiam-se os trechos que não pareciam edificantes. Provavelmente estes cortes na leitura pública passavam também para os livros de registo.”²⁰

Acerca, ainda, das divergências, o mesmo Nóbrega nos esclarece, quando pede, em 1549 que para cá enviem um Bispo:

“Hos oleos que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, nom seja do que quaerunt sua, sed quae Iesu Christi. Venha para trabalhar e não para ganhar.”²¹

Alceu Amoroso Lima, ao criticar o Bispo Sardinha que, no seu entender, “dificultou a conversão do gentio”, explicita estas divergências:

(...) “Na luta pela catequese dos índios do Brasil manifestou-se abertamente contra o Superior da Missão, não a secundando nem na forma iniciada nem noutra qualquer, por julgar os índios incapazes de se fazerem cristãos.”²²

Teremos, ainda, no decorrer do trabalho, inúmeras oportunidades de voltar a esta questão.

Os primeiros jesuítas, como já dissemos, aqui chegam, sob a direção de Nóbrega, em 1549. A carta que, em 1557, do Rio de Janeiro, a “França Antártica”, Villegagnon, o “herético inimigo dos portugueses,” envia para a Calvino pode, talvez, ainda que estranhamente, dar melhor ideia do país que os padres jesuítas encontram.

Não sei o que os calvinistas pensavam do paraíso, mas é inegável que os católicos terão que concordar com eles que, conquanto muito propalado, o paraíso não é aqui.

“De Coligny, França Antártica, 31 de março de 1557.

Acredito que não seja possível exprimir com palavras quanto me alegrem suas cartas. [Segundo informa a nota, trata-se de uma carta enviada por Calvino.] e os irmãos que com elas vieram. Encontraram-me em tal estado que me via obrigado a desempenhar as funções de magistrado e mesmo as de ministro da Igreja, o que me pusera em grande angústia pois o exemplo do rei Ozias me desviava de um tal gênero de vida. Mas não tinha eu outra solução, pois temia que os artesãos que eu contratara e para cá trouxera se deixassem contaminar pelos vícios do gentio; ou que, em não encontrando oportunidade

²⁰ CABRAL, Valle - *Prefácio. Cartas do Brasil. Manoel da Nóbrega*. Ob. Cit. p. 13. O Prefácio data de 1886.

²¹ LEITE, Serafim - *Cartas*. Vol. I, p. 125. Ob. Cit.

²² LIMA, Alceu Amoroso - *A Igreja e o Novo Mundo*. In: LEITE, Serafim. Ob. Cit. Vol. I, p. 51.

de praticar a religião caíssem em apostasia; e esse temor findou com a chegada dos irmãos. Por outro lado devo realçar ainda a vantagem que terei doravante, ao empreender qualquer ação ou correr qualquer perigo, na existência de pessoas suscetíveis de me trazerem seu auxílio e seus conselhos, e que até agora não tivera por causa do perigo a que sentia estarmos expostos. Pois os irmãos que vieram de França comigo, desanimados com as dificuldades encontradas, partiram para o Egito, cada qual com melhor desculpa. Os que ficaram não passavam de pobres diabos mercenários e doentes e suas condições eram tais que antes devia eu temê-los a pensar em qualquer auxílio de valia. E a causa disso tudo está em que desde a nossa chegada tantos obstáculos e contrariedades surgiram que eu não sabia que decisão tomar nem por que lado começar.

O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem tetos nem quaisquer acomodações de campanha. Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo, e do injusto, a ponto de me vir à mente a ideia de termos caído entre animais com figura de homens. Fazia-se necessário prover a tudo com diligência e tudo resolver enquanto nossos navios aparelhavam para o regresso, de modo que, invejosos do que havíamos trazido, não nos surpreendessem os selvagens e nos matassem.

Mas havia principalmente a vizinhança dos portugueses que não tendo conseguido conservar sua possessão não podem admitir que nela estejamos e nos dedicam ódio mortal. E tudo isso se apresentava como um problema a ser resolvido em conjunto: fazia-se mister escolher um lugar para defender-nos, proceder à derrubada e à terraplanagem; carregar para aí provisões e munições, construir fortes, residências e abrigos para as nossas bagagens; juntar material nas cercanias e transportá-lo por homens, na falta de animais de carga, ao alto de uma colina entre encostas íngremes e florestas de difícil acesso. E não costumando os naturais do país cultivar a terra metodicamente, era-nos necessário ir buscar muito longe e em lugares diversos os víveres de que carecíamos em consequência do que o nosso grupo, já pequeno, se subdividia e diminuía. Em vista de tais dificuldades, os amigos que me haviam acompanhado arrepiaram carreira por considerarem a situação desesperada e eu também me senti impressionado. Mas, por outro lado, tendo afirmado que partira da França a fim de empregar todos os meus esforços no incremento do reino de Jesus Cristo, pareceu-me que daria aos homens motivos para me denegrirem e censurarem se me desviasse de meus fins por temor ao

trabalho e ao perigo; e como se tratava de uma ação em prol de Cristo, tinha a convicção de que ele me assistiria afinal e tudo terminaria bem.”²³

A carta prossegue. O longo trecho transcrito, porém, já é suficiente para que vejamos como, neste aspecto, também os jesuítas acreditam que os índios mais se parecem a feras do que a homens. Anchieta diz deles:

(...) “são de tal fôrma barbaros e indomitos, que parecem aproximar-se mais à natureza das feras do que dos homens.”²⁴

E explica:

(...) “toda esta costa marítima, na extensão de 900 milhas, é habitada por índios que sem excepção comem carne humana; nisso sentem tanto prazer e doçura que frequentemente percorrem mais de 300 milhas quando vão à guerra. E se cativarem 4 ou 5 dos inimigos, sem cuidarem de mais nada, regressam para, com grandes vozearias e festas, copiosíssimos vinhos, que fabricam com raízes, os comerem de maneira que não perdem nem sequer a menor unha, e toda a vida se gloriam daquela egrégia vitória. Até os cativos julgam que lhes sucede nisso coisa nobre e digna, deparando-se-lhes morte tão gloriosa, como eles julgam, pois dizem que é próprio de ânimo tímido e impróprio para a guerra morrer de maneira que tenham de suportar na sepultura o peso da terra, que julgam ser muito grande. Estes, entre os quais trabalhamos, estão espalhados pelo interior na extensão de 300 milhas, como julgamos, e todos comem carne humana, andam nus e habitam casas de madeira e barro, cobertas de palha ou cascas de árvores.”²⁵

Comparar os índios a feras é uma constante. António Blásquez em carta aos Irmãos de Coimbra, em 1555, diz:

“O hermanos mios en Jesú Christo charíssimos, cuántas lágrimas derramaríam vuestros ojos si viéssedes estas criaturas de Dios vivir quassi a manera de vestias, sin rey, sin ley y sin razón, encarniçados en comer carne humana y tan enbebidos en la bruteza que antes consentirán perder quanto tienen que dar un negro [índio] contrario, que tienen determinado de comer. Entre ellos no ay amor ni lealtad. Vendense unos a otros estimando más una cuña o podón que la libertad de un sobrino o parente más cercano que truecan por hierro, y es tanta su misseria que a las vezes se lo cambian por

²³ In: LÉRY, Jean de - *Viagem à Terra do Brasil*. Ob. Cit. p. 38.

²⁴ ANCHIETA, José de - *Cartas Jesuíticas*, 3. Ob. Cit., p. 56. A carta é de 1554.

²⁵ ANCHIETA, José de - In: LEITE, S. Ob. Cit. Vol II, p. 113/4. A carta é de 1554.

un poco de hariña. No tienen a quien obedezcan sino a sus propias voluntades, y de aqui es que hazen quanto se les antoja inclinándose con ellas a vicios sucíssimos y tan torpes."

Blásquez prossegue:

(...) "andam [os brancos] amedrontados y no osan yr a sus roças, porque andan junto dellas los Aymurés, gente salvaje y aun en su vivir no diferem de los brutos. Duermen en el suelo, no tienen lugar cierto, sino andan como se les antoja vagueando por una parte y por otra buscando el mantenimiento por los campos. Son en extremo flecheros y corren por los matos como gamos porque se criam en ellos."²⁶

Em outra carta, desta feita de 1557, Blásquez completa o quadro:

"São suas casas escuras, fedorentas e afumadas, em meo das quais estão huns cantaros com meas tintas que figurão caldeiras do inferno. Em hum mesmo tempo estão rindo huns e outros chorando tão de-vagar que se lhes passa huma noite em isto sem lhe ir ninguem à mão. Suas camas são humas redes podres com a ourina, porque são tão priguissosos que ao que demanda a natureza se não querem alevantar."²⁷

Conquanto os huguenotes franceses e os jesuítas estejam de acordo que o índio brasileiro mais parece fera do que homem, esta concordância - como veremos - não vai além do diagnóstico do problema. Enquanto os franceses de Villegagnon surpreendem-se desagradavelmente com o que encontram e lamentam-no, os jesuítas, ao contrário, sem jamais perder de vista o objetivo proposto fazem do horror estímulo para a execução da tarefa, isto é, **civilizar os índios**.

O que gera esta distinção não é - ao contrário do que poderiam indicar as aparências - o princípio religioso que os governa. Cuidemo-nos, aliás, para não transformar a análise numa disputa entre Reforma e Contra-Reforma. Ademais, como todos são povos atlânticos também não está na geografia a explicação para comportamentos tão distintos. Assim, o que os distingue essencialmente é aquilo a que se propõem, isto é, a missão para a qual vieram.

Os franceses, como declara Villegagnon, vêm construir, no Brasil, um "refúgio":

"Em 1555, um senhor Villegagnon, cavaleiro da Ordem de Malta, também conhecida por Ordem de São João de Jerusalém, desgostoso da França e também da Bretanha onde residia então, manifestou a vários personagens notáveis do reino o desejo, que há muito alimentava, não só de retirar-se para um país longínquo onde pudesse livremente servir

²⁶ BLASQUEZ, António - In: LEITE, S. Ob. Cit., Vol. II, p. 250 e 254, respectivamente.

²⁷ Idem, ibidem, p. 385.

a Deus, de acordo com o evangelho reformado, mas ainda preparar um refúgio para todos os que desejassem fugir às perseguições, que de fato eram tão terríveis nessa época que muitas pessoas de todos os sexos e condições viam por toda a parte seus bens confiscados por motivos religiosos e eram, mesmo, não raro, queimadas vivas em obediência a editos de reis e decisões do Parlamento." ²⁸

Assim, os franceses que aqui vêm refugiar-se da guerra santa que assola a Europa, pretendem, também, refugiar-se dos "gentios" que, com sua "bestialidade" ameaçam a sua civilidade. Ora, nada pode dar melhor ideia desta concepção de refúgio do que a construção de um forte, a que se dedicam. A leitura da documentação atesta que eles vêm ao Brasil para fugirem à sociedade. Léry narra:

(...) "Em seguida fomos ter com Villeganon que nos esperava em lugar conveniente e nos saudamos todos uns aos outros. (...) A seguir o senhor Du Pont, (...) declarou a causa principal que nos movera a irmos ter com ele e aí erigirmos nossa igreja reformada, concorde com as palavras de Deus. Em resposta disse ele textualmente o seguinte: "quanto a mim, desde muito e de todo coração aspiro a que a nossa igreja seja a mais bem reformada de todas. Quero que os vícios sejam reprimidos, o luxo do vestuário condenado e que se remova de nosso meio tudo quanto possa prejudicar o serviço de Deus. "E continuou: (...) "É minha intenção criar aqui um refúgio para os fiéis perseguidos em França, na Espanha ou em qualquer outro país de além-mar, a fim de que sem temer o rei nem o imperador nem quaisquer potentados, possam servir a Deus com pureza conforme a sua vontade."²⁹

Os jesuítas, ao contrário, vêm ao Brasil como guerreiros da catequese, isto é, da civilização dos índios. Não negam que os índios são feras, mas reafirmam a necessidade de transformá-los em homens. Por isso diz Nóbrega: ³⁰ "O fruto destas missões consiste em fazê-los de bárbaros homens, e de homens cristãos e de cristãos homens perseverantes na fé."

Para lograr o objetivo estabelecido, os jesuítas não se refugiam, mas, ao contrário, imiscuem-se na vida dos índios. Correm graves riscos, é certo; correm até o risco de virarem, eles, índios. ³¹ Mas o fato é que compartilham o cotidiano do índio sem jamais

²⁸ LÉRY, J. - Ob. Cit. p. 54.

²⁹ Idem. ibidem, p. 85/6.

³⁰ In: LEITE, S. Ob, Cit. Vol. I, p. 12.

³¹ Acerca deste risco, diz-nos ANCHIETA: "Também vos digo que não basta com qualquer fervor sair de Coimbra, senão que é necessário trazer alforge cheio de virtudes adquiridas, porque de verdade

perder a figura de direção, sem jamais esquecer que ali estão para cumprir uma árdua tarefa. Por isso Nóbrega prossegue na carta acima mencionada:

"A isto procuram aqueles missionários, acomodando-se a viver com eles e a fazer o ofício de cura, pai, médico, enfermeiro, tutor, e ainda mestres para ensinar-lhes a roçar e plantar seus mantimentos, porque tais são, que antes haviam de ir caçando cada dia pelo mato e buscando alguma fruta silvestre que acomodar-se a trabalhar e a plantar."

32

Ao lermos a carta em que Anchieta refere-se aos franceses veremos que não eram infundados os temores de Villegagnon de que os índios corrompessem os artesãos que ele trouxera para o Brasil. O risco de "barbarizarem-se" todos é real. Diz Anchieta:³³ "A vida dos Franceses que estão neste Rio é já não somente hoje apartada da Igreja Católica, mas também feita selvagem; vivem conforme aos Índios, comendo, bebendo, bailando e cantando com eles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se com as penas de pássaros, andando nus às vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrários, segundo o rito dos mesmos índios, e tomando nomes novos como eles, de maneira que não lhes falta mais que comer carne humana."

Tocqueville, o grande estudioso francês do século XIX, havia, já, chamado a atenção para este fenômeno que ocorre com os franceses. Segundo Tocqueville, o francês - mais do que qualquer outro povo - recusa-se a deixar seu rincão. Mas, quando o faz, não consegue, como os ingleses, por exemplo, tornar-se um colonizador. O francês vira um aventureiro e passa a adequar-se à nova vida quase melhor do que o faria um natural da região.³⁴

Balzac, por sua vez, acredita que esta dificuldade do francês para deixar o seu "rincão" deve-se, sobretudo, à dificuldade de encontrar em qualquer outra parte do

os trabalhos que a Companhia tem nesta terra são grandes e acontece andar um Irmão entre os índios seis, sete meses no meio da maldade e seus ministros e sem ter outro com quem conversar senão com eles;" *Cartas... Óbito.*, p. 74.

³² Idem. *ibidem*.

³³ ANCHIETA, J. *Cartas*, 3. P. 219. A carta data de 1565.ks

³⁴ O mais civilizado dos europeus se tornará o amante apaixonado da vida selvagem. Ele preferirá as savanas às ruas das cidades, a caça à agricultura; ele brincarà com a existência e viverá sem nenhum cuidado com o futuro. "Os brancos da França - diziam os selvagens do Canadá - são tão bons caçadores quanto nós. Como nós, desprezam as comodidades da vida e desafiam o medo da morte. O Grande Espírito criou-os para habitar em cabanas índias e viver no deserto." TOCQUEVILLE, A. - *A Emancipação dos Escravos*. Prefácio e tradução: Fani Goldfarb Figueira. Campinas, S.P., Papyrus, 1994.

mundo civilização semelhante à francesa. O subtítulo com que inicia o romance **Honorina** intitula-se, significativamente: "Segundo o Qual o Francês Viaja Pouco." E prossegue:

"Se os franceses têm repugnância às viagens tanto quanto os ingleses têm propensão para elas, é bem possível que eles tenham razão de parte a parte. Pode-se encontrar em todo lugar qualquer coisa de melhor que a Inglaterra, ao passo que é extremamente difícil encontrar longe da França os encantos que esta apresenta. Os outros países oferecem paisagens maravilhosas, apresentam o mais das vezes um conforto superior ao da França, que progride muito lentamente nesse terreno. Por vezes eles ostentam uma magnificência, uma grandeza, um luxo assombroso; não lhes falta graça nem maneiras nobres; mas a vida cerebral, a atividade de pensamentos, talento de conversa e esse aticismo tão familiares a Paris, [...] não se encontram em parte alguma. Por isso os franceses, [...] mirram em pouco tempo no estrangeiro como árvores desplantadas." ³⁵

Os Jesuítas, em contrapartida, por maiores que tenham sido os perigos, as tentações, as ameaças e, até o desespero, jamais renunciaram ao desempenho de seu papel de **força civilizadora**.

III

Não por casualidade utilizei, para definir a catequese no Brasil, a expressão "força civilizadora".

Ao fazê-lo, pretendia ao mesmo tempo que valorizar a adjetivação da ação dos jesuítas considerando-a "civilizadora," substantivar a força histórica que a tornou possível.

Tal como Serafim Leite que declara no *Prefácio à História da Companhia de Jesus no Brasil* que a sua é uma visão parcial e cobra o direito a esta parcialidade, eu também não apenas defendo este direito como creio que é impossível falar da história - e, portanto, dos homens - sem tomar partido. Hegel, aliás, dizia que toda pesquisa histórica obedece a uma interpretação prévia dos fatos sem a qual não há, evidentemente, critérios para a sua seleção.³⁶

³⁵ BALZAC, H. - *A Comédia Humana*. "Honorina." Org. Introd. e notas de Paulo Rónai. S.P., Globo, 1989, Vol. III.

³⁶ [...] " a história dum assunto está intimamente conexa com a concepção que dela se faça. Por essa concepção se determina o que se reputa importante e correspondente ao fim, e a relação entre os

Uma leitura da ação dos Jesuítas no Brasil à luz de um Voltairianismo *demodé* é, para dizer o mínimo, ridícula. Nem sequer Serafim Leite, que é jesuíta, aceitou uma vinculação tão pobre e estreita e justifica a sua eleição:

"Partimos, porém, do princípio de que a civilização cristã é boa. Mesmo prescindindo do lado sobrenatural da questão, colocando-nos apenas no plano histórico das civilizações, cremos que a civilização representada pelos povos europeus, em particular o latino, é superior à dos Tupinambás ou fetichistas africanos." ³⁷

Vivemos, hoje, sob a égide de um igualitarismo que torna "politicamente incorreto" falar-se em "preferências" e, menos ainda, em "superioridades."

Sob a batuta de uma historiografia que se crê nova porque assim se intitula não chegaremos, jamais, a entender que a história cumpre determinados movimentos e que estes engolfam os demais com a força avassaladora da defesa dos interesses humanos. Condenar a defesa destes interesses é incapacitar-se para entender que estes são os únicos caminhos que a história percorre. Mesmo que não concordemos.

O século XVI assiste a uma implosão fantástica do mundo medieval, das suas crenças, sua fé, seus interesses, sua arte e seus homens. Apesar disto, inúmeros historiadores creem ser possível que o mundo se arredonde, isto é, aburguese os interesses humanos, sem dores lancinantes.

Cavaleiros às avessas, estes historiadores declaram que o preço pago pela história por sua transformação é excessivo e, assim, como pobres quixotes que lutam contra o impossível, condenam um processo ocorrido já há séculos como se, condenando-o, ele pudesse não ocorrer ou só o fizesse com menores dores.

A conformação burguesa do mundo no século XVI atingiu o céu e transtornou toda a astronomia vigente, descobriu novos continentes, novos povos, novas raças, novos alimentos, novas doenças. Andou por mares nunca d'antes navegados, mas os historiadores continuam, séculos depois, ocultos sob a bandeira do "não deveria ser." ³⁸ É sob esta bandeira que encontram forças para condenar o processo civilizatório expresso pela ação dos jesuítas, argumentando, por exemplo, com a dizimação dos

estados intermédios e o fim implica uma seleção dos fatos que se devem mencionar, uma maneira de os compreender e o critério que os há de ajuizar."

³⁷ LEITE, Serafim - *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Vol. Lisboa, 1938. P. XIII. (Grifos meus.)

³⁸ MANDEVILLE, Bernard - *La Fabulas de las Abejas. O Los Vicios Privados Hacen la Prosperidad Publica*. Trad. José Ferrater Mora. México, Fondo de Cultura Económica.1982. p.22: "la mayoría de los escritores se ocupa en enseñar a los hombres cómo deberían ser, sin preocuparse casi nunca por decirles cómo son en realidad."

indígenas. De fato, o contingente populacional dos índios cai tão vertiginosamente que chega a assustar, inclusive, aos que o presenciam. Assim, lemos em Anchieta:

"22. A gente que de 20 anos a esta parte é gastada nesta Baía, parece cousa, que se não pode crer; porque nunca ninguém cuidou que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo; porque nas 14 igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente, com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiveram 3.500 almas será muita. Há 6 anos que um homem honrado desta cidade, e de boa consciencia, e oficial da camara que então era, disse que eram descidas do sertão do Arabó naqueles dois anos atrás 20.000 almas por conta, e estas todas vieram para as fazendas dos Portugueses. Estas 20.000 com as 40.000 das igrejas fazem 60.000. De seis anos a esta parte, sempre os Portugueses desceram gente para suas fazendas, quem trazia 2.000 almas, quem 3.000, outros mais, outros menos: veja-se de seis anos a esta parte o que isto podia somar, se chegam ou passam de 80.000 almas. Vão ver agora os engenhos e fazendas da Baía, achá-los-ão cheios de negros de Guiné, e mui poucos da terra e se perguntarem por tanta gente, dirão que morreu, donde se bem mostra o grande castigo de Deus dado por tantos insultos como são feitos, e se fazem a êstes Indios, porque os Portugueses vão ao sertão, e enganam esta gente, dizendo-lhe que se venham com eles pera o mar, e que estarão em suas aldeias, como lá estão em sua terra, e que seriam seus vizinhos. Os Indios, crendo que é verdade, vêm-se com eles, e os Portugueses por se os Indios não arrependem lhes desmancham logo todas suas roças, e assim os trazem, e chegando ao mar, os repartem entre si; uns levam as mulheres, outros os maridos, outros os filhos, e os vendem: outros Portugueses, no sertão abalam os Indios, dizendo que os trazem para as igrejas dos Padres, e com isto se abalam de suas terras, porque já sabem por todo o sertão, que sòmente gente que está na igrejas, onde os Padres residem, tem liberdade, que toda mais é cativa, e chegou a cousa a tanto que um Português, indo ao sertão buscar gente, fez a corôa como clerigo, e com isto dizia, que era o Padre, que os ia buscar para as igrejas." (...)

"Vão os Portugueses 250 e 300 leguas buscar êste gentio por estar já muito longe, e como a terra está já despovoada, o mais dele lhes morre pelo caminho à fome, e alguns Portugueses houve que, tomando pelo caminho algum gentio contrário daqueles que trazem, o matam e lhes o dão a comer, para com isso os sustentarem. Todo êste gentio que tem chegado ao mar, vendo que lhe não guardam o que no sertão lhe dizem, mas antes são todos apartados uns dos outros, como acima vai dito, uns fogem, e se vão meter em matos, onde nunca mais aparecem, outros se deixam morrer de tristeza e enojo, vendo-

se ser escravos, sendo eles livres".³⁹ Por mais horror que estas páginas possam causar-nos, é preciso, sempre, lembrar que é precisamente em meio a este horror que atuaram os jesuítas. Os índios que eles pretendem civilizar são seres reais e não àqueles que a sua própria fantasia havia idealizado. E eles contam:

"Un dia destes fueron a la guerra muchos de las Aldeas que yo enseñó (...) y mataron muchos de los contrários a trayción, de donde truxeron mucha carne humana. De tal manera que, quando fui a visitar a una Aldea de las que enseñó, (...) y entrando en la segunda casa allé una panela a manera de tinaja, en la qual tenían carne humana cociendo, y al tiempo que yo llegué echaban braços, pies y cabeças de hombres, que era cosa espantosa de ver. Vi seis o siete viejas que apenas se podían tener en pie, dançando por el rededor da panella y atizando la oguera, que parecían demonios en el infierno." ⁴⁰

Deveríamos surpreender-nos com sua perplexidade diante de um quadro como o que se segue?

(..) "que cousa pode ser, estar em huma povoação de índios e ver 400 almas ou mais por caminho de perdição, tão fora de saberem de quantos annos são, nem se an-de morrer, nem depois de mortos onde an-de ir, que nenhuma paixam nelles entra. Seus prazeres são como an-de ir à guerra, como an-de beber hum dia e huma noite, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pee correndo toda Aldea, e como an-de matar os contrários e fazer cousa nova pera a matança; an-de aparelhar pera seus vinhos e cozinhadas da carne humana; e as suas santidades, que dizem que as velhas se an-de tornar moças, e outras mil cousas." ⁴¹

A transcrição de textos assim tão longos não tem outro objetivo senão deixar patente que, no que tange à colonização, o que está em pugna é o conflito - inevitavelmente antagônico - entre duas formas históricas de civilização. Deslocar o foco deste embate para a questão da dizimação dos índios, embora aparentemente muito justo, porque humano, constitui, na verdade, fuga ao problema.

Digo "aparentemente" porque nada é humano fora da história. O homem - e já se tornou monótono insistir - é um ser social. "Justo" ou "humano" para ele, são o justo e o humano socialmente estabelecidos. Portugueses e jesuítas não vieram ao Brasil para dizimar índios. O que leva a isto é o conflito entre a história que cada uma das forças

³⁹ ANCHIETA, José de - *Informação dos Primeiros Aldeamentos da Baía*. O texto, provavelmente, é de 1584. In: *Cartas*, 3. Ob. Cit. p. 385/6.

⁴⁰ AZPICUELTA, João - In: LEITE, S. - *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit. p. 183/4. A carta data de 1550.

⁴¹ JACOME, Diogo. (Irmão). In: LEITE, S. *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit. p. 242. A carta data de 1551.

representa e, conquanto os resultados possam ser - e de fato, são - dolorosos, não há força humana capaz de deter determinações sociais. Pudesse a história deter-se diante da iminência de uma violência e a filosofia ateniense ainda dirigiria o pensar dos homens. Ou, talvez, nunca tivesse existido.

Assim, para os jesuítas, ainda que nos custe a crer, doloroso, intolerável mesmo, era admitir que os índios morressem sem batismo.⁴² isto é, que padecessem "a mais dura de todas as penas - a eterna privação de Deus."⁴³

Por conseguinte, quando vêm catequizar os índios, os jesuítas pretendem torná-los homens, isto é, seres semelhantes a eles próprios. Característica, aliás, comum a todos nós: crer que se é homem quando se é um ser semelhante a nós. A nossa - parece-nos sempre - é a forma natural de ser humano. Ainda, é claro, que possam, eventualmente, ser introduzidas algumas benfeitorias.⁴⁴ O propósito dos jesuítas, portanto, é transformar os índios (de "feras") em homens e, de homens em cristãos. Batizados e tementes a Deus. Para logrã-lo, sintetiza Nóbrega numa carta que data de 1558:

"A lei que lhes hão de dar é:

1 - Defender-lhes comer carne humana, e guerrear sem licença do Governador;

2 - fazer-lhes ter uma só mulher;

3 - vestirem-se, pois têm muito algodão, ao menos depois de cristãos;

4 - tirar-lhes os feiticeiros;

5 - mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos;

6 - fazê-los viver quietos, sem se mudarem para outra parte, se não for para entre cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem e com estes Padres da Companhia para os doutrinar."⁴⁵

A cumprir-se este programa os índios deixariam, precisamente, de ser índios. Ao mesmo tempo, este rol condensa os problemas que os jesuítas tiveram que enfrentar para cumprir seus objetivos. Bem cedo deram-se os Padres conta de que apenas a fé,

⁴² Em inúmeras cartas, os jesuítas contam que, impotentes, às vezes, para salvar um índio que iria ser comido, esforçavam-se, ao menos para batizá-lo, no que eram impedidos sob o argumento de que o batismo conferia um gosto ruim à carne.

⁴³ FEBVRE, Lucien - *Le Problème de L'incroyance au XVI Siècle*. In: *História*. (Org. Carlos G. Mota), S.P., Ática, 1978, P. 39.

⁴⁴ FIGUEIRA, Fani G. - "Reflexões sobre a História." Ob. Cit.

⁴⁵ LEITE, S. - *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit. p. 54.

conquanto, como dizem, fosse necessária muita,⁴⁶ não seria suficiente para dar lei aos índios. Desde o início só se depararam com dificuldades e, talvez por isso mesmo, a prática revelava questões insuspeitadas, pois, como diz Azpicuelta:

"O Charíssimos, quán differente es hablar de las virtudes y tenerlas, y platicar del martirio y ponerla por obra! La letra, que por essas partes me parecia clara, acá se me torna obscura, no sé si será de andar entre gentes que continuamente se comen unos a otros y andaren embueltos en sangre humana."⁴⁷ Em outra carta, datada esta de 1555, as expectativas são, ainda, mais sombrias:

"Por esta tierra an de andar descalços por los arenales y espesuras de los montes, unas vezes a ser flechados de los Yndios, otras a ser mordidos de animales ponzoñosos. Sus caminos an de ser por lagunachos, sufriendo el calor del sol, que por estas partes es muy rezió. Acá se halla, Hermanos, lo que en vuestras cámaras meditando algunas vezes soléis desear, hambre cotidiana, estrecha pobreza, grandes trabajos; y si esto tantas vezes derramando muchas lagrimas al Señor pidieron, agora se os offrece de gran mérito en esta gentilidad." (...)⁴⁸

Segundo argumentam os jesuítas, o que lhes torna mais difícil a tarefa é precisamente o fato de não terem os índios nenhuma necessidade. Como diz o Padre Pires, em carta de 1552:

"Quanto à conversão do gentio, que hé ho principal a que viemos, sinto que há mester muyto lume da graça para saber attinar com a verdade, porque como não tem quem adorem, (...) facilmente dizem que querem ser christãos, e asi facilmente tornão

⁴⁶ "9. Tambem vos digo, meus Charissimos, que não abasta sair de Coimbra com quaisquer fervores, que se murchem logo antes de passar a Linha, ou se esfriem despois com desejos de tornar a Portugal: haa mester, Fratres, trazer os alforjes cheos que durem até acabar a jornada, porque sem duvida os trabalhos de quá, que tem a Companhia, são grandes e haa mester virtude em cada hum, que se possa fiar delle a honra da Companhia, porque se acontece andar um Irmão entre os índios seis, sete meses sem confissão nem missa, em meyo da maldade, onde convem e hee necessario ser sancto para ser Irmão da Companhia. (...) Não vos digo mais, senão que aparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer, de maneira que, ainda que os trabalhos sejam muytos, vos parecerão poucos; e fazei hum grande coração, porque não aveis de andar meditando em cantinhos, senão in medio iniquitatis, e sem duvida peyor que Babilonia." (...) ANCHIETA, J. - In: *Cartas*. Vol. II. Ob. Cit. P. 162. A carta data de 1555.

⁴⁷ AZPICUELTA - In: *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit., P. 4. A carta data de 1553.

⁴⁸ BLASQUEZ, A. - In: *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit. P.260.

atraz".⁴⁹ Anos depois, 1556, o Padre Luís da Grã, que substituiu Nóbrega quando este foi afastado da direção dos Jesuítas no Brasil, explicita ainda melhor a questão:

"Lo que yo tengo por maior obstáculo para la gente de todas estas naciones es su propia condición, que ninguna cosa sienten mucho, ni pérdida spiritual ni temporal sua, de ninguna cosa tienen sentimiento mui sensible, ni que les dure; y ansi sus contritiones, sus desseos de seren buenos, todo es tan remisso, que no se puede hombre certificar dél." ⁵⁰

Em resumo, o que os jesuítas pretendem dizer é que sem civilização é extremamente difícil civilizar. Não é, pois, de estranhar que diante de tanta dificuldade chegassem a desejar que os índios tivessem um único rei que, cristianizado, exigiria obediência aos demais. ⁵¹ Cuidam, portanto, sobretudo, de desenvolver-lhes as necessidades.

(...) "yo me buelbo a afirmar que (...) lo más seguro y firme a de ser ponerlos en necesidad, que vean ellos claramente que no tienen ningún remedio para aver la heramienta para sus roças, sino es tornarse christianos. Y sabe V.R. qué cosa es no dalles heramienta para roçar, que se perderán con hanbre y la hanbre es guera de cada dia, y en poco tiempo los a de vencer."⁵²

Se aos índios faltava o estigma da necessidade para impulsioná - los à civilização, aos jesuítas, em contrapartida, faltavam as bases materiais para o desenvolvimento, aqui, das novas relações sociais. Nem sequer dispunham - ao contrário do que reza a marchinha popular - de pano para cobrir as "periquitas" das índias. Assim, logo ao chegar, escreve Nóbrega:

Também peça V.R. algum petitorio para roupa, para entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos huma camisa a cada molher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as orações que lhes insinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as insinamos." ⁵³ Nóbrega chama, inclusive, atenção para o ridículo da situação:

⁴⁹ In: *Cartas*. Vol. I. Ob. Cit., P. 324.

⁵⁰ In: *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit., P. 294.

⁵¹ Ver *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit., P. 231.

⁵² In: *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit., P.445.

⁵³ In: *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit. P. 128.

"Parece-me que nom podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lha até ficarmos todos iguaes com elles, ao menos, por nom escandalizar aos meus Irmãos de Coimbra, se souberem que por falta de algumas siroulas deixa huma alma de ser christãa e conhecer a seu Criador." ⁵⁴

O Padre Luís da Grã, muitos anos depois, ainda refere-se ao problema:

"El Obispo [Sardinha] haze mucho caso de que andan nudos los μ ndios y dize peccaren en ello contra la naturaleza, y no le quadra que ansi se baptizen o entren en la iglesia. Nós dissimulamos porque no tienen ellos de que se vestir ni cobrir, ni nós se lo podemos dar." ⁵⁵

Os jesuítas carecem, ademais, dos elementos materiais da espiritualidade. Faltam-lhe os paramentos:

"Temos muita necessidade de baptisterios, (...) e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras coisas semelhantes," ⁵⁶

Em outra carta, desta feita de 1554, lemos:

"Tanbién ai aquí mucha falta de vino, de manera que a las vezes no se dize missa, y así de harina; (...) Y así tenemos aquí mucha necesidad de ornamentos para esta casa, que no tiene nada, que todo es emprestado: (...) No tenemos de nuestro sino una vestimentizilla pobre, y todo lo demás, cáliz, misal, piedra d'ara, vinagreras, y todas las más menudencias son de la otra yglesia." ⁵⁷ Passados seis anos, vemos, ainda o Padre Grã reclamar:

"Está esta casa tão falta de cousas necessarias pera fundar Igrejas, que nem calices, nem pedras d'aras, nem retavolos, nem missais, nem vestimenta frontal, toalha, etc., temos." ⁵⁸ No rol das carências que os jesuítas enfrentam para levar a cabo o processo de civilização a que se propuseram é preciso dar destaque à necessidade que têm - e manifestam - de bons quadros para o cumprimento da tarefa. Por isso, diz Nóbrega:

⁵⁴ NÓBREGA, M. - In: Leite, S. - *Cartas*. Vol I, Ob. Cit., P. 113.

⁵⁵ In: *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit., P. 294. Esta carta data de 1556.

⁵⁶ NÓBREGA, M. - *Cartas Jesuíticas 1*. Ob. Cit. P. 86 Carta de 1549.

⁵⁷ LOURENCO, Brás - In: LEITE. - *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit. P. 48.

⁵⁸ In: LEITE, S. - *Cartas*. Vol. III, Ob. Cit. P.430.

"Hasta agora se acostumbró mandar a estas partes los Padres y Hermanos que en el collegio eran para menos, con les ver qualquier apparentia de bondad, lo qual podrá jusgar, pues me mandaron a mi por pastor dellos." E acrescenta: "Tal costumbre haga V.P. quitar, porque en ningunas partes son tan necessarias la prudentia, fortaleza, scientia, spiritu y todas las otras virtudes como aquí para el negocio de la conversión de los infieles, porque de contino succeden cosas que requieren hombre undequaque perfectum, empero para estar en casas y collegios recogidos en compañía de otros, menos es necessario." ⁵⁹

Bons quadros são tanto mais necessários porque, além de exercerem todos os misteres referentes à religião, os padres são também constrangidos pela necessidade de executarem serviços de médicos, fazendo sangrias, de sapateiros, fazendo alpargatas, dado que as botas européias revelam-se inadequadas ao clima e a topografia da região. Precisam, também, fazer obras de carpintaria, construir canoas e erguer casas. Contam para ajudá-los com alguns poucos artesãos, além, é claro, de alguns escravos recém-chegados da Guiné e que lhes foram doados. Diz Anchieta:

"No dexaré de dezir, pues que vino a propósito, que quasi ninguna arte ay de las necessarias para el commún uso de la vida que los Hermanos no sepan hazer. Hazemos vestidos, çapatos, principalmente alpargates de un hilo como cáñamo, que nosotros tiramos de unos cardos echados en el agua y curtidos, los quales alpargates son mui necessarios por la aspereza de las selvas, y las grandes inchientes de las aguas, las quales es necessario passar muchas vezes por grande spatío hasta la cinta y aún hasta los pechos; barbear, curar heridas, sangrar, hazer casas y cosas de barro, y otras semejantes cosas no se busca fuera, de manera que la otiosidad no tiene lugar alguno en casa." ⁶⁰

IV

Disséramos, linhas acima, que, a cumprir-se o programa de catequizarão proposto por Nóbrega os índios deixariam, precisamente, de ser índios. Vemos, agora, que, a serem atendidas todas as reivindicações dos jesuítas, teríamos reconstituído, no Brasil, a civilização europeia.

⁵⁹ NÓBREGA, M. - In: LEITE, S. - *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit., P. 168.

⁶⁰ ANCHIETA, J. - In: LEITE, S. - *Cartas*. Vol. III, Ob. Cit.P. 256. Carta de 1560.

Parte desta reconstituição é perceptível nas escolas organizadas pelos jesuítas. Aí, mais que em qualquer outra sua atividade, fica patente a preocupação de transformar os índios (de feras) em homens, mas homens cristãos, homens do século XVI, homens batizados e tementes a Deus. Ensina-se nestas escolas exatamente o mesmo que os jesuítas ensinam às crianças, na Europa. Aprendem a ler e escrever, a doutrina e música.

Muito já se escreveu sobre o papel dos jesuítas na educação das crianças. Não me proponho a alongar-me no assunto. Contudo, parece-me indispensável chamar a atenção para o fato de que os jesuítas não estão particularmente interessados na educação infantil. Voltam-se para as crianças porque veem nelas uma cunha importante que lhes permita atingir o seu alvo real, que é a sociedade. Apenas a título de exemplo, pois que a questão repete-se monotonamente em quase todas as cartas, leiamos uma passagem:

(...) "lo más que podremos hazer (...) es entre estos Indios que están allegados a la conversación de los blancos, será enseñar a los hijos algunos que podremos sustentar, que no pueden ser muchos, porque las casas son mui pobres. Si tubieran con qué y mucha renta aiuntáramos todos los moços y doctrináramoslos en la fe, y los biejos fuéranse gastando en sus malas costumbres y los moços quedaran en posesión de la tierra, y se hiziera una nueva christiandad." ⁶¹

Afirmações como esta, em que os jesuítas declaram cabalmente que preferem dedicar-se às crianças, dado que os mais velhos estão já empedernidos nos seus costumes, não fizeram senão dificultar a análise da atuação jesuítica no Brasil. Os estudiosos da questão conferiram-lhe um sentido maquiavélico de querer, intencionalmente, enganar os mais velhos, dissolver a família trazendo a desdita para o lar. Passou-se a argumentar com a astúcia do colonizador que ilude o colonizado, esta camisa de força que iguala tudo e não nos permite acompanhar os movimentos da história, movimentos que se tecem com as filigranas dos tão variados interesses humanos.

O que tais interpretações não levaram em consideração é que, quer se tratasse de jovens ou velhos, os jesuítas vieram ao Brasil com o propósito alardeado de catequizar o país. Se iniciavam o processo pelas crianças é porque viam nelas uma possibilidade de alcançar, mais cedo, seus objetivos.

As cartas insistem no sucesso da empreita, mas é perceptível, nas entrelinhas, quão pífió é este mesmo sucesso. Certamente muitas crianças aprenderam a rezar, cantar, e, até, a escrever. Algumas chegam a conhecer bem a gramática. Outras

⁶¹ CORREIA, Pero -In: LEITE, S.- *Cartas*. Vol. I, Ob. Cit. P. 447. A carta é de 1553.

conhecem a teologia. Muitas tornaram-se verdadeiramente piedosas. Inúmeros índios foram batizados e, assim, morreram na graça de Deus. As cerimônias religiosas são muito concorridas, as Igrejas crescem em número e tamanho.

No entanto, mesmo uma questão aparentemente tão singela quanto poderia ser a manutenção, ou não, pelos jesuítas, destes Colégios, encerra um grave conflito no interior da própria Ordem. Nóbrega, o Provincial da Ordem, no Brasil, é, inclusive, afastado, em 1560, do posto que ocupa e nele substituído pelo Padre Luís da Grã. Adepto das proposições franciscanas, que alardeiam o mérito da pobreza e crêem que não há vida mais piedosa que a mendicante, Grã condena a existência dos Colégios, a propriedade das casas em que estes funcionam e os escravos que, nelas, realizam os serviços necessários.

A carta em que Nóbrega expõe este conflito deverá ser lida na íntegra, para o bom entendimento da questão. Não posso, aqui, ir além de uma pequena síntese:

5 - "Luego en el siguiente año [1550] mandaron quatro Padres con algunos mochachos huérfanos, y esto me hizo creer mi opinión, y que N. Señor era servido de aver casa para mochachos de los gentiles, y aquellos venían para dar principio a otros muchos de acá de la tierra que se recogeriam con ellos. Y comencé de adquirir algunos con mucho trabajo, por estar en aquel tiempo muy indómitos, y pedí sitios para casas y tierras al Governador, y uve algunos esclavos y entreguélos a un secular para con ellos hazer mantenimientos a esta gente.

6 - Luego en el siguiente año vinieron más húrfanos con bullas para se ordenar cofradía, lo que luego se hizo (...) repartiendo los mochachos por las casas, los cuales eran acceptos en la tierra a la gente portuguesa por causa de los officios divinos y doctrina que dezian. Y con estos se ayuntaran otros de los gentiles y huérfanos de la tierra, mestizos, para a todos remediar y dar vida.

7 - Y desta manera caminamos hasta la venida del P. Luís de Grãa, del qual supe como en Portugal no se aprovva tener nosotros el assumto destes mochachos, y menos ordenar sus confradías. Y con esto me vino una carta, (...) escrita por commissión del Provincial, (...) en que me avisava no se dever adquirir nada para mochachos, ni hazer dellos tanto caso, como en la verdad lo que se adquirió, assi de tierras como de vacas," (...)

8 - Y puesto que yo tenía contraria opinion,(...) comencéeee a desandar la rueda que tenía andado, y a poquentar los niñosy quitar confradías, quanto pude sin scándalo," (...) Y aconteció a uno destes pedirnos con palabras de piedad no le apartássemos de nosotros, y todavia se apartó por obedescer, puesto que con assaz compassión mía y

dolor, porque muchos hijos de los Indios sabían leer y esvibir, y offician las missas, que era mucha edificati3n para todos, assi Portugueses como Indios." (...)

18 - El P. Lu3s de Gr3a parece querer llevar esto por otro spiritu muy diferente, e quiere edificar a la gente portuguesa destas partes por v3a de pobreza, y converter esta gente de la misma manera que S. Pedro y los Ap3stoles huizieron, y como S. Francisco," (...) "porque es 3l muy zelador de la sancta pobreza, la qual quer3a ver en no poseer nosotros nada, ni aver grangeer3as, ni esclavos, (...) y desseava casas pobrezitas."⁶²

Para expandir pela sociedade o clima que os jesu3tas criavam nas escolas era preciso, no entanto, bem mais que a f3.⁶³ Depois de longos anos de estadia no Brasil, anos duros em que, de fato, e sem literatice, foram eles que correram o risco de indianizarem-se, anos em que conquanto implorassem 3 Companhia a vinda de novos quadros, estes jamais vieram e, vindo, pouco mais poderiam ter feito, os jesu3tas deram-se conta de que a catequese requeria, necessariamente, a coloniza33o. Faltava-lhes o bra3o armado, isto 3, um Estado que criasse a obrigatoriedade da civiliza33o.⁶⁴

Ningu3m, como N3brega, conseguiu dar melhor express3o a esta necessidade. Atesta-o seu trabalho, que apresentamos em anexo, intitulado "A Convers3o do Gentio." Ainda que procurando ser o mais velado poss3vel, amb3guo, mesmo, apresentando, inclusive, a quest3o em forma dialogal para n3o parecer estar defendendo uma posi33o pr3pria sua, ainda assim, seus opositores puderam entender perfeitamente sua prega33o pela escravid3o e, at3, pela for3a.

3 preciso, antes de prosseguirmos, tecer algumas considera33es sobre a posi33o dos jesu3tas diante da escravid3o. In3meros autores t3m insistido que os jesu3tas s3

⁶² "Ajudou grandemente a esta convers3o cayr o Senhor Governador [refere-se a Mem de S3] na conta e assentar que sem temor n3o se podia fazer fructo; e, alem do que por sy fazia, ordenou que ouvesse, em cada povo3o destas, hum dos mesmos Yndios que tivessem carrego de prender em hum tronquo os que fizessem cousa que pudesse estorvar a convers3o." (...) "E h3o tanto medo a estes tronquos que, depois de Deos, s3o eles causa de andarem no caminho e costumes que lhes pomos, e pretendemos que j3 que n3o forem bons os grandes ao menos n3o estorvem os pequenos nem os metam em seus maos costumes," In: LEITE, S. - *Cartas*. Vol. III, Ob. Cit. P. 293.

⁶³ Lembremos que se trata de um Di3logo, considerado, ali3s, como "o primeiro documento verdadeiramente liter3rio escrito no Brasil", como quer Serafim Leite. In: *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit., p.317.

⁶⁴ "Negros por oposi33o a Brancos, mas trata-se de yndios. Na mesma acep33o escreve N3brega a D. Jo3o III, de Olinda, 14 de setembro de 1551 (carta aut3grafa): "negras forras do gentio." In: LEITE, A. - *Cartas*. Vol. II, Ob. Cit., p. 319, Nota I.

queriam catequizar os índios para que estes se tornassem mais dóceis à escravidão. Uma tal interpretação traz no seu bojo a crença de que os jesuítas estariam sendo desleais por usarem a religião para justificar a escravidão. O que precisa ser entendido é que, ao contrário do que tantos pensam, não há contradição entre uma coisa e outra, isto é, entre religião e escravidão. Se não temêssemos ser encarados como cínicos, diríamos que uma cuida do espírito, da alma, e, a outra, do corpo, da materialidade.

A leitura que fazemos, hoje, da escravidão, é aquela que corresponde à nossa época, isto é, aquela que considera como natural apenas o trabalho assalariado. Formados numa visão burguesa do trabalho, acreditamos, como os abolicionistas, que, de fato, a escravidão foi abolida porque injusta, desumana, aviltante, etc. Desta perspectiva - exclusivamente moral - parece-nos incompatível conciliar escravidão e catequese. No entretanto, os jesuítas, em sua grande maioria (e evidentemente não na sua totalidade), consideram a escravidão com a mesma naturalidade com que nós, hoje, consideramos o trabalho assalariado. Tirados os exageros, esta é a forma, para nós, natural, de realização do trabalho. Do mesmo modo, para eles, a escravidão é a força civilizadora por excelência e é sob esta ótica que eles a encaram.

Isto posto, disponho-me a demonstrá-lo fazendo uma rápida paráfrase d'*A Conversão dos Gentios*. Como se verá, o texto é de difícil entendimento, mas constitui um documento precioso para todos que pretendemos tentar uma abordagem científica da história.

Logo ao início, Nóbrega faz um dos seus personagens afirmar quão difícil é pregar aos negros.

"2. [Gonçalo Alvarez]: - Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras."

O outro personagem explica a razão desta dificuldade: os índios não têm as necessidades que eles consideram "humanas":

"Matheus Nogueira: - Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hée crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar um soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica em nada."

O Diálogo prossegue com o personagem referindo-se aos bons tempos descritos nos livros sagrados em que, num único dia, os Apóstolos convertiam 5.000 indivíduos, "por ser gente de juízo." Ao que o outro acrescenta que o que há de pior nos índios é a sua inconstância. Por qualquer coisa afirmam querer ser cristãos e por qualquer outra coisa abandonam a religião que, disseram, estavam dispostos a abraçar. Este comportamento, diz o personagem, é próprio de cães. E acrescenta que ninguém é mais digno do nome de cães e porcos do que os índios, porque vivem matando-se e comendo-se. Por isso, diz ele, os Padres que vieram para trazer-lhes a palavra de Deus já estão "resfriados", ou seja, desanimados, pois se Cristo disse para que não se desse pérola aos porcos, para que insistir em catequizar os índios?

"Matheus Nogueira : - Huma cousa tem estes pior de todas, que quando vem à minha tenda, com hum anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter, por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira fee nos corações. Ouvei eu já hum evangelho a meus Padres, onde Christo dizia: "Não deis o Sancto aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos." Se alguma geração há no mundo, por quem Christo N.S. isto diga, deve ser esta, porque vemos que são cães em comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão porque alguns Padres que do Reino vierão os vejo resfriados, porque vinhão cuidando de converter a todo brasil em huma hora, e vem-se que não podem converter hum em hum anno por sua rudeza e bestialidade."

Não deveríamos nos deixar impressionar excessivamente pelas palavras. Conquanto Nóbrega utilize expressões extremamente grosseiras para referir-se aos índios, não é contra eles que está falando e, sim, contra os jesuítas que, acreditando, como querem os livros sagrados, que se poderia converter ao cristianismo "milhares num só dia", renunciaram a converter os índios porque, argumentam, eles são "bestiais". Para Nóbrega, ao contrário, quanto mais árdua a tarefa mais esforço é preciso fazer para realizá-la. Por isso, exagera na descrição dos índios para demonstrar quanta soberba informa os sonhos de conversão dos gentios que povoa a imaginação de alguns jesuítas:

G. Alvarez: - Ora isso deve sser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinhão na nao, maginavão-se hum São João Bautista junto de hum rio Jurdaam a bautizar quantos a elles viessem."

Nóbrega está, pois, argumentando com a necessidade da catequese e, mais que isto, com a sua possibilidade. Por mais que os índios pareçam bestiais, diz Nóbrega, eles são "catequizáveis":

G. Alvarez: - (...) "Eu tive hum negro [índio], que criei de pequeno, cuidei que hera boom christão e fugiu-me pera os seus: pois quando aquelle não foi boom, não sei quem o seja. Não hé este o que soo me faz desconfiar destes serem capazes do bautismo, porque não fui eu soo o que criei este corvo; [isto é, não se trata de um caso isolado, que teria ocorrido só com a personagem.] nem sei se hé bem chamar-lhe corvo, pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos, se crião e amañão, e ensinão, e estes mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das biboras que comem suas mãis, nenhum respecto tem ao amor e criação que nelles se faz. [Ou seja, até os corvos domesticam-se, mas os índios, diz este personagem, não aprendem.]

Por intermédio do outro personagem, Nóbrega continua a insistir na possibilidade da educação dos índios. Priorizar sua volubilidade ou, mesmo, maldade, significa definir a tarefa como irrealizável e, em última instância, descrer dos jesuítas:

"Nogueira: - Pois que rezõis mais vos movem a desconfiar de nossos Padres, que a isso forão mandados do Senhor pera lhes mostrarem a fee, não farão fructo nestas gentes?"

O Diálogo prossegue e, a certa altura, um dos personagens pergunta ao outro se os índios podem ser considerados como "seres próximos", pois, diz:

"4. - G. Alvarez: - Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer que estes não erão proximos, e porfião-no muito, nem tem pera si que estes são homens como nós.

Posta em dúvida a própria humanidade dos índios, o personagem que, nesta passagem, personaliza a concepção de Nóbrega retruca:

Nugueira: - Bem! Se elles não são homens, não serão proximos, porque soos os homens, e todos, maos e bons, são proximos."

Vale observar a argúcia de Nóbrega, a maneira astuciosa com que defende a humanidade dos índios. Ao argumentar com a noção de todos, Nóbrega afirma que ninguém perde sua natureza humana por ser "mao". Estabelecida, portanto, a natureza humana dos índios, Nóbrega prossegue o Diálogo para apresentar a tese central que o motiva, isto é, a de que os homens são, pelo trabalho, transformáveis. Antes, porém, de afirmá-lo, Nóbrega terá que demonstrar que todos os homens são iguais, pois, do contrário, alguns não seriam passíveis de transformação:

"Todo o homem hé huma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer que era proximo."

Seu interlocutor pergunta-lhe, então, e veremos que não o faz tão ingenuamente quanto parece, se os Padres costumam, muito frequentemente, entre si, discutir a questão da conversão dos gentios. Frente a uma resposta afirmativa, pergunta a que conclusão chegam. Nogueira responde-lhe que, conquanto nem todos tenham grandes esperanças nesta conversão, acreditam que Deus a deseja e estão dispostos a obedecer-lhe. A intenção oculta na interrogação revela-se no momento em que o personagem pergunta se, dentre os Padres, não há "quem estê da parte destes negros?" [índios].

Ao ouvir o outro dizer:

"Nogueira: - Todos, porque todos os desejão converter e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

Pergunta, então, aquilo que realmente queria saber, isto é, se alguém se dedica a esta conversão com empenho especial, alguém que nos comovesse, que nos "dera rezõis pera nos acender o fogo," que, enfim, nos motivasse, nos tirasse do desânimo a que fomos arrastados pela dificuldade da empresa.

Que papel, pergunta, ainda, Nogueira, poderia, neste caso, desempenhar a força? E insiste:

"E isso que aproveitaria se fossem christãos por força, e gentios na vida e nos costumes e vontade?"

Gonçalo Alvarez: Aos pais, dizem os que tem esta opinião, que pouco, mas os filhos, netos e dahi por diante o poderião vir a ser, e parece que tem rezão. "

Este caminho, isto é, forçar os índios a serem cristãos porque, depois, seus filhos e netos o seriam naturalmente, parece a Nogueira, "muito bom, o melhor e mais certo caminho." Isto, porém, não significa que acredite que tudo que se faça com caridade ou com zelo está justificado. É preciso saber se "hé conforme a vontade de Deus, porque esta hé a regra que mede todas as obras." E acrescenta: "Logo nem tudo o que parece bem se á-de fazer, senão o que realmente for bom."

Surpreso porque, no decorrer do Diálogo, seu interlocutor dissera-lhe que não apenas o índio tem alma e que "tanto val diante de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vossos escravo Papaná", o personagem pede explicações:

"Nogueira: - Pois estai atento. Depois que nosso pai Adam peccou, como dis o psalmista, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante à besta, de maneira que todos, asi Portugueses, como Castelhanos, como Tamoios, como Aimurés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem dispensou

ha natureza mais com huma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a hum que a outro. Fazemos logo do ferro todo hum, frio e sem vertude, sem se poder volver a nada, porem, metido na forja, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem proveito, mas quanto mais se aqueita no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis.

É desnecessário alongarmo-nos, muito embora, como disse anteriormente, o *Diálogo* se constitua numa verdadeira mina de questões históricas muito preciosas, por sua raridade. Basta-nos, por ora, insistir em algumas questões essenciais. A primeira refere-se à necessidade de, mais uma vez, deixar patente que as questões humanas são muito mais profundas e muito mais complexas do que parecem à primeira vista. Afirmar - como fazem tantos - que os jesuítas não tinham senão interesse na "escravização" do indígena, ainda que verdadeiro, não tem a simpleza que aparenta. Tal como sói acontecer com as proposições humanas, a escravidão é extremamente trabalhosa e não bastam pios desejos para lográ-la.

Tem-se dito que uma época histórica conforma um pensamento social. Embora conheçamos a assertiva, não deixa de ser surpreendente constatar quão "humanistas" são estes jesuítas, Nóbrega em particular. Conquanto falem em fé, estes homens acreditam, sobretudo, em si mesmos, na sua capacidade de transformação da realidade. Pico de la Mirandola, reputado, talvez, como o maior dos humanistas italianos, afirma que Deus conferiu aos demais seres, plantas ou animais, uma dada natureza. Ao homem, em contrapartida, não deu nenhuma que seja própria sua. Ele pode, diz Pico de la Mirandola, pelo seu esforço, ter a natureza que quiser, desde a de fera, até a divina.

Nóbrega, o representante de uma das ordens religiosas mais comprometidas com a preservação do passado, nascida, precisamente, da contrarreforma, terá dito algo muito distinto quando tratou da conversão dos gentios? Vemo-lo, pelo contrário, defender a importância da "obra", sempre e quando clama por um braço forte, um Estado, uma civilização, que torne inviável a preservação dos índios, enquanto índios.

Nóbrega certamente não se deu conta de que o desenvolvimento desta civilização na qual ele tanto insistia significava, também, o desaparecimento da "catequese". Índios e catequéticos são faces de uma mesma moeda que, no Brasil, só existiu enquanto não teve início o processo real de colonização. O desenvolvimento das atividades produtivas, do açúcar e do escravo negro, sobretudo, mas não só, o desenvolvimento das comercializações, da colônia, enfim, tornam os jesuítas e os índios elementos secundários

e marginais ao processo. A história moderna que se iniciava na Europa e da qual resultara a criação da Companhia e a vinda de integrantes seus ao Brasil, arredondava o mundo e tornava impossível a preservação, aqui, de um bolsão da contrarreforma. Talvez, em nenhuma parte do mundo tenha, contraditoriamente, se desenvolvido uma sociedade tão burguesa quanto na escravista colônia brasileira. A Deus não resta mais sequer o privilégio das linhas tortas.

Os jesuítas que para cá vieram no período inicial tiveram, inegavelmente, um papel essencial na redação desta nova história. Mas, sem dúvida, não tiveram força para detê-la. Tanto na Europa, quanto no Brasil, foram recolhidos aos Colégios e às Igrejas. Embora ameaçadores, dado que encarregados da Inquisição, com toda a seqüela de terrores que isto implicava, sua atividade foi, sempre, aqui como lá, marginal.

Tais afirmações não devem ser entendidas como uma avaliação depreciativa da Companhia. Muito pelo contrário, os grandes intérpretes do processo histórico, tal como este se desenvolve no Brasil, são jesuítas. Lembremos, apenas, dos nomes de Antonil, Vieira e Azeredo Coutinho para podermos melhor compreender a significação do que afirma Galileu, que por eles esteve ameaçado, quando declara:

"creio que o remédio mais adequado seja ganhar os padres jesuítas, por serem os que sabem bastante mais que as letras comuns dos frades."⁶⁵



www.icgilbertoluizalves.com.br/

⁶⁵ GALILEU, G. - "Carta a Monsenhor Piero Dini." In: *Ciência e Fé*, p.29.